

Em que *Partes de África?**

Rosa Maria Santos Mundim**

RESUMO

Em *Partes de África*, Helder Macedo apresenta uma visão diferente do processo de colonização portuguesa. “Viajando” com o autor, tenta-se descobrir quem são os africanos que ali vivem, qual é o verdadeiro lugar da população nativa naquele continente e como eles lidaram com os colonizadores portugueses.

*As nações todas são mystérios,
Cada uma é todo o mundo a sós.*
Fernando Pessoa

NAS FRONTEIRAS DE UMA “GRAVE VIAGEM”: UMA BUSCA

Em *Partes de África*, o escritor Helder Macedo nos leva a uma viagem por partes, não apenas de África, como sugere o título, mas de Portugal, Inglaterra e Brasil; a uma viagem pelo universo da literatura, ao fazer desfilar pelas páginas do livro autores e obras que marcaram sua experiência de professor e leitor; a uma viagem pelos caminhos de sua vida, ao partilhar conosco as descobertas e os reconhecimentos que vai fazendo ao revisitar a própria história.

Desde o título (serão *Partes de África* ou partes dele mesmo?), o autor

* Trabalho final do curso “A literatura portuguesa revisita a história”, ministrado no Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa da PUC Minas pela Profª Drª Lélia Parreira Duarte, no 1º semestre de 2000.

** Professora do Curso de Letras do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais.

inicia um jogo de enganos e despistamentos com o leitor. Mas esse jogo não se faz sem avisos. Ainda no início do primeiro capítulo, ao descrever a paisagem entrevista da janela da casa do amigo onde se hospeda, Helder Macedo adverte para a ilusão contida nas aparências: "Não se deve ter demasiada confiança em metáforas de segunda mão". (Macedo, 1999, p. 9)¹

Essa sabedoria do olhar, porém, só se adquire com a maturidade revelada na primeira frase do romance: "Estou com cinqüenta e tal anos...".

Inicia-se então a jornada e, num desfilar de lugares, pessoas e épocas, com uma história em que se entremeiam narração, poema, documento, ópera, citação, o autor irá clareando as sombras, dando sentido a fatos passados, "atando as pontas da vida".

Falar das sombras, da vida, dos fatos, para Helder Macedo, é falar de Portugal e suas "partes" espalhadas pelo mundo. No seu artigo "Reconhecer o desconhecido" (título também do capítulo 17 do romance), o escritor mostra ter consciência da maneira, às vezes dramática, às vezes tragicômica, como se processou o encontro entre o europeu e o africano desde os começos da colonização:

... vou procurar ilustrar, através de dois ou três exemplos, o modo como os pioneiros da aventura imperial portuguesa reconheceram o que não conheciam, projetando nas coisas e nos povos que foram encontrando os seus próprios desejos, medos, ideais, fantasmas, superstições – em suma, o seu imaginário.

Munidos do imaginário e da fé, os portugueses pensavam cumprir, ao descobrir e colonizar os povos "selvagens", uma missão humanitária e evangelizadora. Dessa missão divina e dessa visão de buscar o conhecido no "encontrado" recusa-se a participar, porém, o escritor. E é essa visão diferente que levanta para o leitor muitas questões:

Como Helder Macedo, filho de colonizadores portugueses, consegue resolver esse dilema de olhar, ao mesmo tempo, "de fora" e "de dentro" do mundo de oprimidos e opressores? Quem é o africano que emerge das páginas do livro? Qual é o seu lugar numa terra que é sua por direito, mas de que ele

¹ Todas as citações serão doravante indicadas apenas pelos números das páginas.

não tem a posse? Onde buscar a sua imagem verdadeira? Talvez, começando, “como cumpre, depois do princípio”, nas partes de África que o escritor vai revelando para nós.

A VELHA SABEDORIA AFRICANA: A CULTURA ANCESTRAL

Já no segundo capítulo do livro aparece a figura de um nativo: Pimpão. Ele representa a resistência da velha tradição africana, transmitindo para as futuras gerações, mesmo a dos meninos brancos, a sabedoria e os valores de sua cultura. Contando uma história exemplar, mostra como os pequenos e oprimidos podem, através da astúcia, vencer a força e a opressão dos poderosos:

É certo que havia também o Pimpão, mas esse era tão velho que até tinha sido soldado no tempo das capitânias e da revolta dos maganjas. Contava-me histórias do namarrocolo com demoras pedagógicas de bardo, enumerando todos os bichos grandes de que o esperto coelhinho conseguia sempre triunfar: o imprevisível leopardo, o justiceiro leão, o paciente elefante, a sinistra quizumba a rondar, a rondar e que queria comer a mãe do namarrocolo, mas quando acabou a refeição, percebeu que o namarrocolo a enganara e que tinha comido a própria mãe. (p. 16)

Outro exemplo da sabedoria africana é reconhecido na figura dos magos tribais. Helder Macedo conta a história de um paciente africano de seu irmão médico. Traído pela esposa e tendo se desentendido com os irmãos dela, “de acordo com a milenária lei tribal, o marido teria agora de matar os ex-cunhados” (p. 58). Não o fez, porém, por causa de sua boa índole e da educação que tivera numa missão católica. Mas, nos sonhos, recebia sempre uma ordem: “Mata, mata, mata!”

Não suportando a pressão, “foi ao médico branco, deixou injetar a insulina, agradeceu os choques elétricos” (p. 59). Sem obter êxito no tratamento, consultou o irmão do escritor:

O meu irmão, que deve ter reconhecido os sonhos por outros muitos que ouvira contar aos nossos irreversíveis Pimpões e Amoses, achou que nas circunstâncias não havia nada a perder, aproveitou para fazer uma romagem sentimental, levou-o ao feiticeiro da tribo, fez a história clínica como a qualquer colega, e deixou-o ficar. (p. 59)

Algum tempo depois, tendo o irmão voltado ao feiticeiro para saber como ia o problema, teve uma curiosa explicação:

Problema? Mas qual problema? O colega sem Freud explicou: o homem tinha sonhos de mandar matar; mas não podia matar; mas como precisava de matar tinha de matar; então era melhor matar. De modo que construíram dois irmãos com palha coberta de pele de gazela e mataram a eles. O homem sarou. E concluiu, com infinita piedade dos literalistas da imaginação: "sonho é sonho, matar é matar!". (p. 59)

Onde o europeu falhou, usando a ciência, o africano teve êxito, usando o senso prático e a experiência. A atitude do médico com formação europeia mostra que há possibilidade de convivência entre culturas diferentes; e que as tradições e a religião africanas podem ser vistas não apenas como exotismo ou superstição, mas como sabedoria transmitida através das gerações. Mas para isso, é preciso que seja vencida a primeira barreira: o preconceito. Essa mudança seria possível?

UM RIO SEM MARGENS: O PRECONCEITO

Em *Partes de África*, o escritor deixa falar, através das recordações, a voz do europeu. Entre os colonizadores brancos, havia uma visão preconceituosa do nativo como um ser inferior, que devia, porém, ser cultivado e “civilizado” para que fosse mais útil e produtivo, como aparece na citação de Brito Camacho que o avô gostava de lembrar:

Há que fazer a libertação da mulher indígena, escrava do pai, dos irmãos, do marido, não esquecendo que o seu ventre é fons vitae em que se geram os futuros trabalhadores. Há que vestir o indígena. Há principalmente que vestir e educar o indígena, não para ser passivamente um animal que serve o dono, mas para ser um colaborador prestimoso do branco, tão homem como ele, mais capaz do que ele, na ardida terra africana, de produzir riqueza. (p. 26)

Com o passar do tempo, porém, o africano passou a desejar ser mais do que o “colaborador” do branco. Lideranças nativas foram se formando, sem que o colonizador percebesse, como se vê no episódio ocorrido com um médi-

co conhecido do pai do narrador, que não é capaz de enxergar no seu empregado um futuro líder africano:

Veio a ser diretor dos serviços de saúde e, pequeno obreiro do destino, preteriu a favor de um protegido branco o enfermeiro negro que tinha ficado em primeiro lugar no concurso para promoções. O qual tinha mau poder, demitiu-se e foi para a Tanzânia. Chamava-se Samora Machel. (p. 14)

Mas a falta de visão não é privilégio apenas dos portugueses. Na complexidade das relações entre colonizados e colonizadores, os africanos são também capazes de exibir uma visão preconceituosa, como se vê no episódio narrado no capítulo do “mundo às avessas”:

Estava também de férias em São Tomé o Francisco José Tenreiro, poeta da negritude, homem de esquerda, filho da terra, cidadão de um futuro antes do tempo. Fizera uma pós-graduação em Londres, ensinava na Universidade de Lisboa, a sua carreira anunciava-se brilhante a despeito de todos os racismos e de todas as pressões políticas. Mas havia pressões de outra ordem, mais sutis, mais complexas, menos resistíveis. (p. 104)

O poeta, sendo mulato, era rejeitado e incompreendido nos dois universos – o branco e o negro – e acabou sendo vítima de forças contraditórias, ao aceitar um cargo ligado aos portugueses:

E os ex-camaradas sem imaginação que, de repente, a partir do momento em que aceitou, o acusaram de traição e deixaram de o conhecer, é porque nunca o tinham conhecido, nem serão capazes de imaginar uma ponte suspensa num rio sem margens. (p. 106)

A não-aceitação do outro – do diferente – pode levar o homem a que atitudes ?

UMA OPERAÇÃO NARCÍSICA: A DESTRUIÇÃO DA CULTURA

Silviano Santiago, em seu artigo “Apesar de dependente, universal” ao refletir sobre a colonização brasileira, numa visão que pode ser também aplicada à colonização africana, fala da tentativa que é feita para tornar o nativo semelhante ao conquistador:

Dentro dessa perspectiva etnocêntrica, a experiência da colonização é basicamente uma operação narcísica, em que o outro é assimilado à imagem refletida do conquistador, confundido com ela, perdendo portanto a condição única de sua alteridade. Ou melhor: perde a sua verdadeira alteridade (a de ser outro, diferente) e ganha uma alteridade fictícia (a de ser imagem refletida do europeu). O indígena é o Outro europeu: ao mesmo tempo imagem especular deste e a própria alteridade indígena recalcada. (Santiago, 1982, p. 16)

Essa tentativa de mudar a imagem do outro às vezes se faz com boas intenções, mas não deixa de ser mesmo assim perversa, porque destrói a sua cultura para colocar no seu lugar outra que não lhe diz nada, como se nota no exemplo do criado “civilizado”:

... era o magnífico escultor maconde de dentes afilados que ia conosco porque minha mãe, nostálgica da Europa e atenta às responsabilidades civilizadoras que também lhe competiam, já tinha conseguido treiná-lo a esculpir figurinhas art déco, ânforas gregas, uma miniatura das pombas de Florença, e seria um desperdício deixá-lo na Zambézia para regredir às máscaras tribais. (p. 17)

Nessa imposição de uma cultura dita “civilizada”, o ridículo da situação muda de lugar: em vez de ser o nativo o estranho, por ser obrigado a representar um papel que não é o seu, grotesco passa a ser o colonizador, que não é capaz de respeitar as diferenças entre eles:

A primeira medida do governador Ferreira Pinto foi determinar que as crianças das escolas de Quelimane passassem a usar bibes inspirados nas togas romanas. Convoitou depois os administradores de todas as circunscrições, mandou tirar a fotografia, anunciou para daí a poucas semanas uma viagem de inspeção e deu ordens (“omnis feret...”) para que tivessem árvores de sombra nas bermas das estradas por onde passasse: pânico geral, uma orgia de trabalhos forçados, destruição de centenas de árvores cujas carcaças foram transferidas para buracos temporários. (p. 34)

Mas até que ponto o africano aceitaria passivamente a essas imposições?

O NASCIMENTO DE UMA REAÇÃO: A RESISTÊNCIA NEGRA

A aparente submissão dos africanos, que pareciam estar perdendo suas características, ajustando-se à imagem que os brancos moldavam para eles,

podia esconder inesperados desafios. Episódio exemplar é o do “Incidente de Constança”, narrado no relatório do pai do autor. “A insubordinação partira dos ‘mancebos’, indígenas assim classificados entre os felupas dentro da idade dos 17 e 21 anos aproximadamente” (p. 84). As exigências feitas pelos rebeldes eram modestas:

... A abolição imediata dos serviços de estafeta entre Constança e Fatela, para o qual o chefe de posto determinara haver permanentemente seis mancebos disponíveis; autorização para realizarem os seus batuques sempre que lhes aprouvesse; permissão para utilizarem as suas espingardas (longas) durante os batuques e, sempre que fossem à caça. Exigiram também que a palmatória em uso no posto fosse queimada imediatamente. (p. 84)

Ao serem interrogados, os mancebos negaram qualquer intenção violenta contra as autoridades, mas “Alegaram eles que o Chefe do Posto os castigava indiscriminadamente, mesmo quando não tivessem cometido qualquer falta, negando porém que tivessem tido qualquer intenção de lhe fazer mal” (p. 89). Ainda assim, foram severamente castigados, “despojados de todos os adornos que os distinguem dos outros indígenas da tribo” (p. 90), de uma forma considerada humilhante segundo as suas tradições e que se tornaria indelével em suas vidas, segundo o próprio relatório:

Determinei que esta punição fosse executada pelos próprios grandes da terra, sob a orientação do grande chefe e dos régulos, de modo a permitir-lhes reafirmar a sua autoridade sobre toda a população da tribo. Como desprestígio perante a gente das terras, este castigo é profundamente sentido pelos mancebos, e perdurará no seu espírito para sempre. (p. 89-90)

Já com os funcionários portugueses o mesmo rigor não é aplicado: “O administrador de Fatela recebeu uma repreensão verbal”. O Chefe do Posto “depois de igualmente repreendido, foi transferido para Bolama, onde agora exerce funções de secretaria” e ainda foi justificado em sua conduta: “viveu os horrores de Timor quando da invasão japonesa”. (p. 91)

Segundo Helder Macedo, seu pai era um homem severo, mas acreditava no cumprimento das leis e procurava ser um colonizador justo. O que não deveria ocorrer, então, em outras colônias?

A REAFIRMAÇÃO DO PODER: OPRESSÃO E VIOLÊNCIA

Uma figura que encarna de modo exemplar as contradições do colonizador europeu no exercício do poder é a do avô do autor. Ele se mostra progressista quando “procura tornar a escolaridade obrigatória a todas as crianças do distrito, “sem distinção de raça e incluindo as raparigas que são as mães do progresso e do futuro”. Mas parece regressar à época medieval, quando se aproveita do cargo que ocupa para submeter as jovens nativas aos seus caprichos sexuais:

E assim, o mais que se lhe ficou a dever foi uma contribuição ativa, sem distinções de raça, para que as raparigas da ilha se tornassem futuras mães quando ali reconstituiu de facto o direito feudal de inaugurar-las que a sua ideologia jacobina teria combatido de jure até à última gota de sangue. (p. 25)

Mesmo a religião pode tornar-se motivo para atitudes de violência, ainda que justificadas em parte pela loucura, como no caso do administrador Gomes Leal que, a partir de uma “visão mística” passou a enxergar na cor negra uma forma do mal, que deveria ser destruída.

Passou a praticar então contra os nativos uma série de atos de crueldade:

Tinha de trocar os cantos do amor profano pelas preces do amor divino e pendurou em duas palmeiras (não havia salgueiros) os órgãos com que cantava: o cozinheiro e o criado de dentro, cuja agonia acompanhou durante três dias e três noites, prostrado no chão, a rezar”. (p. 32-33)

Se a crueldade já era praticada sem motivos, à menor suspeita de reação negra os castigos eram ainda mais cruéis, ainda mais que “No após-guerra parecia começar a haver tendências separatistas em Angola e Moçambique, o Ministro queria evitar futuros Brasis” (p. 55). Mesmo que para justificá-los fosse preciso inventar uma trama, como no episódio de São Tomé:

Os cidadãos mais respeitáveis da aristocracia negra – médicos, advogados, engenheiros, proprietários de pequenas roças – eram os óbvios cabecilhos, de modo que alguns deles foram torturados até confessarem: choques elétricos engenhosamente improvisados em cadeiras de metal, bolas de ferro nos pés e pedregulhos ao pescoço a ver se ainda sabiam nadar... (p. 97)

Numa mensagem recebida de um amigo de Angola, o autor nos mostra um pouco da escalada de horrores que se abatera sobre as colônias na época das lutas pela libertação, quando os limites de civilização pareciam ter desaparecido:

Cerca de um ano depois, o carteiro tocou à porta de manhã cedo e entregou-me outro envelope de Angola que também presumi logo que viria do Medeiros. Abri-o, contente e ensonado, e o horror da imagem que de lá saiu agrediu-me numa náusea física antes de a ter visto conscientemente. Era a fotografia, depois muito divulgada, de um grupo de soldados portugueses ostentando a sorrir as baionetas onde tinham espetado as cabeças decepadas de alguns negros. (p. 127)

Aos africanos só restaria, então, um caminho para fugir à violência crescente dos colonizadores europeus: a independência. Mas ela resolveria todos os problemas?

O DESESPERO PARTILHADO POR TODOS: DEPOIS DA SEPARAÇÃO

Boaventura de Souza Santos, em seu artigo “Onze teses por ocasião de mais uma descoberta de Portugal”, ao falar dos novos tempos vividos pelo país e suas colônias, mostra que Portugal tem sido, desde os tempos antigos, um país contraditório:

Portugal era o centro em relação às suas colônias e a periferia em relação à Inglaterra. Em sentido menos técnico, pode-se dizer que durante muito tempo foi um país simultaneamente colonizador e colonizado. Em 25 de abril de 1974, Portugal era o país menos desenvolvido da Europa e, ao mesmo tempo, o detentor único do maior e mais duradouro império colonial europeu. (Santos, 1999, p. 64)

Essas contradições seriam herdadas pelas colônias da África após a separação, e superá-las faria parte da luta de seus povos para adquirir uma face e uma identidade. Ironicamente, um dos mais fortes laços de unidade seria encontrado na língua portuguesa, ainda que tenha sido imposta pelos colonizadores: “... é à revelia dos mesmos outros que nessas e mais partes de África se continua a falar o português como língua soberana das novas nações”. (p. 223)

As antigas relações entre brancos e negros não tinham mais sentido na-

quele mundo confuso; a pressa de mudar a qualquer preço levava a radicalismos, e agora os nativos repetiam as atitudes sem sentido e até ridículas que antes criticavam nos colonizadores:

... um desgraçado que por sinal tinha sido o meu colega de carteira no primeiro ano de liceu devido à proximidade dos nomes e que era o ministro da saúde. Mandara fechar todos os consultórios, com guardas de metralhadoras à porta. Tinha adquirido uma sólida formação ideológica no estrangeiro e achava que era assim que se nacionalizava a medicina. (p. 231)

As contradições dos novos tempos são bem retratadas no episódio em que o autor fala da resistência do seu “tio Antônio, o dr. Pacheco, que iria continuar a estar enquanto pudesse ser útil e enquanto o quisessem, não importava como” (p. 232). Duas personagens dos novos tempos, duas atitudes diferentes revelam, nesse episódio, os caminhos que restariam aos africanos em seus países por construir: um, o do preconceito e ódio racial; outro, o do entendimento e da integração:

Uma criatura que ele tinha visto nascer, que alimentara, vestira, educara, que trouxera para sua casa quando os pais morreram, para mostrar militância tinha-o denunciado à FRELIMO de não se sabe que inverossímeis intenções subversivas. O presidente Samora Machel mandou a guarda para o proteger da militância e discretamente o acompanhar, sem que ele notasse, na sua ronda diária aos doentes dos bairros pobres. Haja tchuba! (p. 232)

Como faz Helder Macedo em seu livro, seria tempo agora de tentar “atar as pontas”, juntar as partes do mosaico, compor uma nova figura da África e do africano?

JUNTANDO AS PARTES: UM POSSÍVEL ENCONTRO DA ÁFRICA, DO HOMEM

Vários escritores de Portugal e das ex-colônias já traçaram também um retrato do processo de colonização. Uns, mostrando o ponto de vista do colonizador, onde o africano aparece apenas como uma sombra silenciosa, um personagem folclórico, um ingrato desarvorado após a independência. Ou-

tros, mostrando apenas o ponto de vista do africano como um ser explorado, perplexo diante da violência e do caos em que o seu país se transformou ao ser deixado pelos brancos.

Mas Helder Macedo trilhou um caminho diferente, que não foi encontrado facilmente, mas através de um processo doloroso, em meio a conflitos, como revela: "... com uma grande fumaçada dentro da cabeça, cada vez a entender menos quem naquela terra eram os bons e quem eram os maus, no início da fase mais zangada da minha vida, disposto a pôr tudo em questão". (p. 100)

Ao (não) "reconhecer o desconhecido", ao tentar encaixar no lugar verdadeiro os mosaicos que explicam o processo da colonização portuguesa, Helder Macedo desvenda para si mesmo e para o leitor uma face diferente desse mundo complexo, ainda que isso lhe custe a perda da fantasia:

... embarcados todos na mesma nave, vítimas e obreiros de um império construído à revelia, aquém e além-mar. E comecei a entender um pouco o mundo de novas misérias que via à minha volta, iguais à do mundo que dantes tinha visto, sem entender. A magia da minha infância feudal estava quebrada. (p. 67)

Helder Macedo não explica nem julga as atitudes do colonizador europeu, mas simplesmente as expõe sem disfarce para o leitor, mostrando que o ser humano é sinônimo de contradições que nem sempre somos capazes de explicar. E é também com atitude de respeito e honestidade que vai apresentando os africanos: Pimpão, contando histórias de resistência dos mais fracos ao menino branco, ensinando-o a respeitar e compreender o diferente. E quem sabe, até, inspirando-o para o ofício de contar histórias, no futuro... E ainda Agostinho Neto, Amílcar Cabral, Samora Machel, José Tenreiro, líderes e poetas de uma África que se queria e se quer reconhecida e independente...

E também os anônimos africanos, os que resistiram mantendo suas tradições, como os feiticeiros tribais; ou se rebelando, como os mancebos; ou criando os filhos gerados pelos brancos, como as mulheres negras; ou mesmo vestindo "bibes", ouvindo latim nas aulas, e até ficando em silêncio, sendo torturados, morrendo, criando na resistência e na luta uma nova pátria.

Com este livro, Helder Macedo nos mostra que o lugar do homem, seja branco ou negro, iletrado ou erudito, europeu ou africano – é ao lado do seu

semelhante. O lugar do homem é o lugar da sua história, do seu povo, da sua terra. O africano que emerge destas páginas é o homem que, apesar de toda dominação e violência conseguiu resistir e sobreviver – e hoje luta para, juntando as partes de uma África dilacerada, marcar o seu espaço e construir um futuro.

ABSTRACT

In *Partes de África* Helder Macedo presents a different vision of the Portuguese colonization process. "Travelling" with the author, we try to find out who are the Africans living there, what is the real position of the native people in the African continent and how they have dealt with the Portuguese colonizers.

Referências bibliográficas

- MACEDO, Helder. *Partes de África*. São Paulo: Record, 1999.
- MACEDO, Helder. Reconhecer o desconhecido. In: XIII Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.
- PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- RIBEIRO, Margarida Calafate. Partes de Nós: uma leitura de *Partes de África*, de Helder Macedo. In: *Encontros prodigiosos*; Anais do XVII Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa. Belo Horizonte: FALE/UFMG e PUC Minas, 1999. p. 676-687. v. II.
- SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- SANTOS, Boaventura Sousa. *Pela mão de Alice*, o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1999.

